

# Intelectuais e “violência revolucionária”

 [institutoliberal.org.br/blog/historia/intelectuais-e-a-violencia-revolucionaria/](http://institutoliberal.org.br/blog/historia/intelectuais-e-a-violencia-revolucionaria/)

Rainer Zitelmann

21/12/2023

Infelizmente, há uma tradição sinistra de intelectuais de esquerda justificando ou mesmo celebrando a violência “revolucionária” ou “anti-imperialista”. Em 5 de setembro de 1972, a organização terrorista palestina “Setembro Negro” fez os atletas que estavam participando dos Jogos Olímpicos de Munique para Israel como reféns; todos os onze foram mortos. Jean-Paul Sartre, o dramaturgo, filósofo e principal expoente do existencialismo, é considerado a principal figura dos intelectuais franceses do século XX. Em um artigo intitulado “Sobre Munique”, publicado algumas semanas após o ataque terrorista, **ele escreveu**: “Nesta guerra, a única arma dos palestinos é o terrorismo. É uma arma terrível, mas os pobres oprimidos não têm outra, e os franceses que aprovaram o terrorismo FLN contra os franceses devem, por sua vez, aprovar a ação terrorista dos palestinos. Essas pessoas abandonadas, traídas e exiladas podem mostrar sua coragem e a força de seu ódio apenas organizando ataques mortais”.

Essa declaração não é exceção: Sartre e sua parceira Simone de Beauvoir, cujo trabalho feminista *O Segundo Sexo* a estabeleceu como a intelectual mais conhecida da França, eram fervorosos admiradores de Mao Zedong e elogiaram a “violência revolucionária” que ele praticava como uma expressão de moralidade superior. **Sartre disse**: “Um regime revolucionário deve se livrar de um certo número de indivíduos que o ameaçam e não vejo outro meio para isso além da morte; é sempre possível sair de uma prisão; os revolucionários de 1793 provavelmente não mataram pessoas suficientes.”

Sartre admirava ou defendia as ações de qualquer um que de alguma forma se opusesse ao capitalismo, desde o baluarte da revolução cubana Che Guevara até o ditador cambojano Pol Pot, que teve dois milhões de compatriotas e, assim, 20% de sua própria população morta.

Entre os principais intelectuais do século XX, ditadores como Josef W. Stalin e Mao Zedong tinham mais admiradores do que o capitalismo e seus principais defensores. Seu ódio ao capitalismo era tão grande que muitos deles se tornaram admiradores reverentes dos maiores assassinos em massa da era. Não estou falando aqui de algumas pessoas desconhecidas ou excêntricas, mas dos principais intelectuais do século XX. Um exemplo é o escritor francês Henri Barbusse, que se tornou mundialmente famoso por seu diário de guerra *O Fogo*, publicado em 1916. Foi traduzido para mais de 60 idiomas e Barbusse recebeu o Prix Goncourt, o mais prestigiado prêmio literário francês. Mais tarde, ele se tornou um dos admiradores mais fanáticos do ditador soviético Stalin, sobre quem escreveu: “Sua história é uma série de vitórias sobre uma série de tremendas dificuldades. Desde

1917, nem um único ano de sua carreira se passou sem que ele tivesse feito algo que teria feito qualquer outro homem famoso. Ele é um homem de ferro. O nome pelo qual ele é conhecido o descreve: a palavra Stalin significa ‘aço’ em russo.”

O filósofo francês Michel Foucault, um dos principais defensores do pós-estruturalismo e fundador da análise do discurso, expressou sua própria raiva contra a elite capitalista em um debate televisionado com Noam Chomsky em 1971: “O proletariado não trava guerra contra a classe dominante porque considera tal guerra justa. O proletariado faz guerra contra a classe dominante porque, pela primeira vez na história, quer tomar o poder. Quando o proletariado toma o poder, é bastante possível que exerça em relação às classes sobre as quais triunfou um poder violento, ditatorial e até mesmo sangrento. Não consigo ver que objeção poderia ser feita a isso.”

A justificativa da violência e do terror, desde que seja dirigida contra o capitalismo, continua até hoje. Slavoj Žižek, um dos intelectuais de esquerda mais proeminentes do nosso tempo, defende um “novo comunismo” em seu livro de 2021 *A Left That Dares Speak Its Name (Uma Esquerda que Ousa Dizer seu Nome)*: “O que precisamos hoje”, escreve ele, “é uma Esquerda que ouse dizer seu nome, não uma Esquerda que vergonhosamente cobre seu núcleo com alguma folha de figo cultural. E esse nome é comunismo.” A Esquerda, ele argumenta, deve finalmente abandonar o sonho socialista de um capitalismo mais equitativo e “justo” e promulgar “medidas comunistas” mais radicais. Como um objetivo claramente formulado, ele propõe que “a classe oposta tem que ser destruída”.

De acordo com Žižek, o Grande Salto Adiante de Mao no final da década de 1950 – o maior experimento socialista da história humana – apresentou uma oportunidade de “contornar o socialismo e entrar diretamente no comunismo”. Infelizmente, muitas pessoas não sabem nada sobre o Grande Salto Adiante de Mao. O historiador Frank Dikötter oferece a seguinte avaliação: pelo menos 45 milhões de pessoas morreram em mortes desnecessárias como resultado desse grande experimento socialista entre 1958 e 1962. A maioria morreu de fome, enquanto outros 2,5 milhões foram torturados ou espancados até a morte – deliberadamente privados de comida e mortos de fome. “As pessoas foram mortas seletivamente porque eram ricas, porque eram relutantes, porque falavam abertamente ou simplesmente porque não eram apreciadas, por qualquer motivo, pelo homem que empunhava a concha na cantina”, explica Dikötter – e é precisamente esse “Grande Salto Adiante” que Žižek exalta tão euforicamente.

Em um artigo na *The New York Review* sob o título “The Violent Visions of Slavoj Žižek (As Visões Violentas de Slavoj Žižek)”, você pode ver qual foto está pendurada sobre a cama de Žižek – a do assassino em massa Josef W. Stalin.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: